

**A SIGNIFICAÇÃO EM DELEUZE, GUATTARI E SIMONDON:
TRAÇADOS INICIANTES**

Daniela Jaqueline Tôrres Barreto (UFNT e UEMASUL)

danielajaqueline20@gmail.com

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFNT)

luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

Este estudo, objetiva apontar como Deleuze, Guattari e Simondon apresentam o estudo do signo, da significação, do sentido em suas obras. Visto que, o mundo é um tecer e ser tecido por signos, sendo um têxtil de sentidos, de significações, entendemos o quão relevante e inerente, ao nosso dia a dia, são estes estudos do significado. Por isso, serão expostos, de forma inicial, como esses autores promovem uma compreensão a respeito do signo, do significante e mais precisamente do significado, para isso, foi utilizada uma pesquisa bibliográfica. Para tanto, contamos com autores como Deleuze (2003; 2005; 1974), Deleuze e Guattari (1995; 1997), Barros (2015), Nascimento (2012), Simondon (2015), dentre outros que serão apresentados no decorrer deste trabalho. Portanto, o significado só ocorre a partir das relações, é resultado das experimentações do signo, o signo que é a causa, o que origina, são os corpos relacionais que vêm antes do significado.

Palavras-chave:

Deleuze. Guattari. Significação.

ABSTRACT

This study aims to point out how Deleuze, Guattari and Simondon present the study of the sign, the meaning, the meaning in their works. Since the world is a weave and being woven by signs, being a textile of senses, of meanings, we understand how relevant and inherent in our daily lives are these studies of meaning. Therefore, it will be exposed, initially, how these authors promote an understanding about the sign, the signifier and more precisely the meaning, for this, a bibliographical research was used. To do so, we rely on authors such as Deleuze (2003; 2005; 1974), Deleuze and Guattari (1995; 1997), Barros (2015), Nascimento (2012), Simondon (2015), among others that will be presented throughout this job. Therefore, the meaning only occurs from the relations, it is the result of the experiments of the sign, the sign that is the cause, what originates, are the relational bodies that come before the meaning.

Keywords:

Deleuze. Guattari. Meaning.

1. Introdução

Este trabalho pretende traçar alguns percursos, de forma iniciante

devido a variedade e possibilidade que estes autores nos fornecem, voltados para a significação, o sentido e o significante presentes nas obras, principalmente, de Deleuze, Deleuze e Guattari e também Simondon.

A escolha desses aspectos a serem investigados nas obras desses autores é devido ao interesse que temos pela significação. Pois, sabemos que na Linguística Estruturalista temos uma visão dicotômica do signo (significante-significado). Então, buscamos novas aberturas e percepções relacionadas a termos como: significante-significado, significação e sentido por um viés deleuziano, guattariano e simondoniano.

Para tanto, alguns autores como Deleuze (2003; 2005; 1974), Deleuze e Guattari (1995a, 1995b), Barros (2015), Nascimento (2012), Simondon (2015), dentre outros, foram fontes de nossas investigações.

Portanto, será traçado aqui apenas um pequeno esboço, tocar as primeiras notas dessa abordagem, de como os autores tratam o sentido, a significação e o significante-significado, permitindo que outros continuem a canção, modifique-a ou até mesmo reinvente-a.

2. O sentido, a significação e o significante-significado: notas iniciais

A nossa fala e o nosso discurso são formados por fragmentos, por discursos múltiplos, é um agenciamento coletivo. Assim, o discurso proferido pelo indivíduo é uma enunciação coletiva, ou um pedaço dessa enunciação onde estão presentes devires históricos, sociais, de mundo, um discurso indireto composto por múltiplos fragmentos.

Dessa maneira, Deleuze nos aponta, de modo não formalizado, uma teoria dos signos, que é perceptível ao longo de suas obras. Sendo assim, Deleuze (1974) traz uma definição para significação e significante, onde aponta que

[...] o nome de significação a uma terceira dimensão da proposição: trata-se desta vez da relação da palavra com conceitos *universais ou gerais*, e das ligações sintáticas com implicações de conceito. [...] Os significantes linguísticos são então essencialmente 'implica' e 'logo'. A *implicação* é o signo que define a relação entre as premissas e a conclusão; "logo" é o signo da *asserção*, que define a possibilidade de afirmar a conclusão por si mesma no final das implicações. (DELEUZE, 1974, p. 14)

Conforme exposto, a significação vista como proposição está sempre em relação a outras proposições, tendo assim, a significação um valor lógico, compreendida como condição de verdade. Dessa maneira, Deleuze

(1974) continua a mencionar que o ‘significante’ é

[...] todo signo enquanto apresenta em si mesmo um aspecto qualquer do sentido; ‘significado’, ao contrário, o que serve de correlativo a este aspecto do sentido, isto é, o que se define em dualidade relativa com este aspecto. (DELEUZE, 1974, p. 27)

Nesse sentido, o autor diferencia sentido de significado, sendo sentido relacionado a efeito e o significado relacionado a conceito, sendo uma manifestação, designação. Já o significante seria uma dimensão da expressão, um atributo lógico, a proposição, estes dois aspectos, significado e significante, estão ligados, não são aspectos separados dos signos, mas compõem junto.

O autor não concorda com a tese de significante e significado, no sentido de que é apresentado um único sentido para cada palavra, pois ele entende que a palavra tem vários sentidos. Por conseguinte, a linguagem depende do funcionamento da máquina abstrata, máquina que tem como constantes a semântica, a sintaxe e a fonologia, ainda temos a pragmática. Dessa forma, o mundo é um tecer e ser tecido por signos, sendo um têxtil de sentidos, de significações.

O signo e a comunicação estão interligados, pois “(...) é o signo que propicia a comunicação, e a comunicação é justamente o modo como se produzem os encontros entre os divergentes, sendo o signo o seu resultado” (ARAUJO; PEREIRA, 2018, p. 7). Nesse viés, o signo é uma força perceptiva, nos levando ao pensar, a encontros, suscitando multiplicidades de relações, que no meio associado produz significações. Sendo assim, esses encontros podem nos levar por vários caminhos, então, temos

[...] encontros que nos absorvem, que nos enredam, mas que estão dentro de uma gama conhecida de possibilidades: o encontro com alguém na rua, com a burocracia, com o lugar-comum da publicidade, por exemplo. Mas também pode ser um encontro no qual, entre as coisas reconhecíveis, familiares à nossa consciência, vibra uma força que nos acerta, algo que nos espanta, que nos encanta ou nos apavora, algo que desmonta nosso quadro de referências e faz irromper, na experiência ordinária, uma virtualidade extraordinária, vida que irrompe com força e nos pega desprevenidos. (NASCIMENTO, 2012, p. 24)

Dessa maneira, esses encontros podem compor ou descompor conosco, nos desmontando, sempre nos levando a traçar novas relações, a nos movimentar, tirando-nos da estagnação,

[...] é que nos fazemos, nos desfazemos e nos refazemos *pelos e nos* encontros, sendo que, em determinadas experiências dessa ‘imersão vital’ no mundo, vivemos uma variabilidade que vai além do esperado, além da

racionalidade de nosso campo de possíveis. (NASCIMENTO, 2012, p. 26).

Esses encontros e o que com eles surgem aumentam ou diminuem nossa potência. Diante disso, o signo é afecto, pois

[...] pensar o signo implica se perguntar pelas estratégias de abertura do pensamento à potência dos afectos (modos de sentir diferentemente) e perceptos (modos de perceber diferentemente), não se descuidando, para isso, de certos limites que, observados com prudência, permitem prosseguir em novas experiências. (NASCIMENTO, 2012, p. 36)

Dessa forma, o signo traz a significação pela experiência do encontro que abre uma pluralidade real de relações. Então, “o enunciado não é lateral nem vertical, ele é transversal, e suas regras são do mesmo nível que ele” (DELEUZE, 2005, p. 17). Assim, o enunciado não é apenas uma estrutura ou um sistema, mas traz a multiplicidade. Logo, observemos que

[...] do ponto de vista do que Deleuze chama de ‘encontros fundamentais’ nós não somente nos confundimos com as transversalizações do díspar, que cria relações em relações, mas também somos a transitoriedade delas, seu fluir intempestivo. (NASCIMENTO, 2012, p. 35)

Somos o tempo todo atravessados por novas relações, pois,

é a multiplicidade das relações em devir que nos força a essa abertura na medida em que fazemos sua experiência enquanto signo; estes nos assaltam pela força de paradoxos, instaurando desassossegos onde até então reinavam certezas, causando-nos muitas vezes a sensação de que perdemos o chão”. (NASCIMENTO, 2012, p. 35)

Nessa abertura forçada temos as sensações, a criação, a invenção, o devir pensamento. Além disso, as palavras, a língua e os enunciados são compostos de estratos, por isso, “é preciso então rachar, abrir as palavras, as frases e as proposições para extrair delas os enunciados” (DELEUZE, 2005, p. 61). Conforme o mencionado, é preciso quebrar as palavras, não só no sentido de transformá-las em outras palavras, mas no de extrair delas as possibilidades de sentidos, de significações, de estratos correspondentes a cada contexto, também extrair as possibilidades que elas trazem em cada estrato em que são inseridas.

Se pensarmos nas palavras, signos, como visibilidades é porque não são sólidos, rígidos, mas antes são como as formas de luz que distribuem o claro, o escuro e o intermediário; o opaco, o transparente e o translúcido; o visto, o subentendido, o implícito. Dessa maneira,

[...] para os estoicos o que resulta de um encontro entre os corpos são sempre efeitos, podemos compreender esses efeitos como uma individuação, os efeitos para os estoicos é um incorporeal, pois ele só pode ser exprimível, isto é, *são sempre expressos por um verbo*, é estar nos domínios das

palavras, é dar um sentido, isto é, dar um significado, que só é possível se pensarmos a partir de um *ser estável*". (BARROS, 2015, p. 69)

Nesse sentido, os significados são efeitos, não são um ser, mas uma maneira de ser, são individualizações que ocorrem com o encontro entre os corpos, a essência desse corpo é o significado, e a partir disso, podemos estratificar e segmentar, proporcionando outros encontros e criando novas identidades. Além disso, o autor ainda acrescenta, “não devemos instituir como hábito esse significado, pois não há como determinar o que resultará do encontro entre dois corpos” (BARROS, 2015, p. 69). Pois, o significado pode sofrer alterações conforme os encontros entre as palavras, sentenças e contextos, sendo o significado uma individualização.

Os signos possuem tensão, intensidade e potencial de informação, com isso os significados também são campos energéticos, “(...) desenvolvidos ao longo do processo perceptivo, bem como o próprio significado do que seja perceber e sua posterior compilação e organização na forma de conhecimento estruturado” (GOMES, 2019, p. 118). Porquanto, o processo perceptivo é uma potência que produz novas perspectivas, sendo assim, os significados são resultados dessas novas perspectivas construídas a partir do engendramento do ser em seu próprio devir.

Nessa perspectiva, o signo, antes da ação, encontra-se entre várias ordens (uma pluralidade de maneiras possíveis), sendo a ação o ato de descobrimento de uma significação, logo, “(...) a ação consegue ultrapassar as incompatibilidades e disparidades, integrando-as, e criando, pois, um espaço de solução, um espaço significativo no sentido de integrar os diversos pontos conflitantes” (CABRAL, 2016, p. 149). Ainda, o autor continua a mencionar que “a significação se dá quando se descobre um sistema entendido como unidade capaz de integrar os diferentes pontos de vista do sujeito, bem como as singularidades todas presentes” (CABRAL, 2016, p. 149). Desse modo, as significações são descobrimentos da percepção, e para Simondon a ação é um processo de individualização, é uma organização.

Deleuze e Guattari (1995a, p. 81) mencionam que “(...) o significado não existe fora de sua relação com o significante, e o significado último é a própria existência do significante que extrapolamos para além do signo”. Assim, os autores ressaltam que o significante é redundante e a ele compete a redução da expressão, e ao significado a redução do conteúdo. Porém, “uma forma de conteúdo não é significado, do mesmo modo que uma forma de expressão não é significante” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 81). Por conseguinte, o significado e seu referente, se assim quiseram chamar, estão atrelados a expressão que é autônoma e constante.

Ainda, Deleuze e Guattari (1995) ressaltam que conteúdo e expressão não são, respectivamente, significado e significante, mas são variáveis do agenciamento. Dessa forma, Deleuze e Guattari (1995b) relatam que

[...] não se trata ainda de saber o que tal signo significa, mas a que outros signos remete, que outros signos a ele se acrescentam, para formar uma rede sem começo nem fim que projeta sua sombra sobre um *continuum* amorfo atmosférico. (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p. 51)

Conforme os autores, esse *continuum* amorfo seria o significado, no entanto,

É preciso, então, um mecanismo secundário a serviço da significância: é a interpretância ou a interpretação. Nesse caso, o significado assume uma nova figura: deixa de ser esse *continuum* amorfo, dado sem ser conhecido, sobre o qual a rede dos signos lançava sua malha. A um signo ou a um grupo de signos corresponderá uma parte de significado determinado como conforme, consequentemente conhecível. (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p. 53)

A comunicação do ato interpretativo gera significantes, sendo o significado o próprio significante em sua redundância. E, para os autores o significante é *rostidade*, pois ele se reterritorializa no rosto, ícone do significante, dele ecoa a voz, é público e não oculto. Mais uma vez, Deleuze (1974) define significante e significado como:

[...] ‘significante’ todo signo enquanto apresenta em si mesmo um aspecto qualquer do sentido; ‘significado’, ao contrário, o que serve de correlativo a este aspecto do sentido, isto é, o que se define em dualidade relativa com este aspecto. O que é significado não é, por conseguinte, nunca o próprio sentido. O que é significado, numa acepção restrita, é o conceito; e, em uma acepção larga, é cada coisa que pode ser definida pela distinção que tal ou qual aspecto do sentido mantém com ela. (DELEUZE, 1974, p. 40)

De acordo com o mencionado, o significante é a expressão; o significado é o conceito, o conteúdo, a designação, a manifestação, a significação, já, o sentido não existe fora da expressão, do significante. Sendo assim, “(...) o sentido é extra-ser, ele não é ser, mas um *aliquid* que convém ao não-ser” (DELEUZE, 1974, p. 34). Nesse viés, o sentido não existe, mas subsiste na proposição. Por conseguinte, o agenciamento é feito por encontros, o signo é formado pelo significante e pelo significado (a expressão e o conteúdo), e precisam criar agenciamentos, encontros, devires.

Para Simondon (2015) a informação só é significativa se estiver

dentro do coletivo⁷. Com isso, a significação da mensagem provém de um ser ou vários seres e com eles formam um coletivo. Assim, “(...) a significação não é do ser, por outro lado, ocorre entre os seres, ou melhor através dos seres: é transindividual”⁸ (SIMONDON, 2015, p. 390, tradução nossa). Nesse sentido, o sujeito é um conjunto, se constitui em uma unidade coletiva, as fases do ser.

Logo, o transindividual não é a síntese das fases do ser, mas a significação do ser, pois temos o sujeito rodeado de significação, sendo esse sujeito composto pela disparidade das fases do ser. Diante disso, “não é a linguagem que cria a significação” (SIMONDON, 2015, p. 390 – tradução nossa)⁹. Sendo a linguagem um veículo que transporta a informação entre um sujeito e outro, só dentro dessas trocas, também levando em conta a individualidade do sujeito é que temos a significação.

Em consonância, a linguagem sendo veículo de informação não pode ser criadora de significações, pois, “a significação é uma relação de seres, não uma pura expressão; a significação é relacional, coletiva, transindividual, e não pode ser fornecida pelo encontro entre a expressão e o sujeito” (SIMONDON, 2015, p. 391, tradução nossa)¹⁰. Por isso, nas significações tanto o individual quanto o coletivo podem estar em acordo.

Nesse viés, a linguagem é instrumento de expressão, veículo de informação entre os sujeitos, mas não cria significações, as significações é que guardam a linguagem e não o inverso. Já o sentido não nos remete a essência, é antes produzido, sendo assim ele está na superfície.

Dessa maneira, “um território assim se (in)forma na medida em que resolve tensões. A informação diz o sentido da individuação, provoca a marcha do devir” (ARAUJO; PEREIRA, 2018, p. 3). Pois, o conteúdo da informação não é visto como codificado, mas uma tensão entre disparidades, trazendo resolução.

Não se poderá conceber, assim, um indivíduo isolado – o indivíduo

⁷ “La existencia de lo colectivo es necesaria para que una información sea significativa” (SIMONDON, 2015, p. 390).

⁸ “[...] la significación no es del ser sino que ocurre entre los seres, o más bien a través de los seres: es transindividual” (SIMONDON, 2015, p. 390).

⁹ “no es el lenguaje el que crea la significación” (SIMONDON, 2015, p. 390).

¹⁰ “la significación es una relación de seres, no una pura expresión; la significación es relacional, colectiva, transindividual, y no puede ser suministrada por el encuentro entre la expresión y el sujeto” (SIMONDON, 2015, p. 391).

vive do seu meio associado, do qual é uma expressão resolutive, do qual é mesmo um *signo*. Em Simondon, “significação” dá nome ao processo de integrar disparidades em um sistema de nova dimensão. (ARAÚJO; PE-REIRA, 2018, p. 6)

Logo, o sentido não ocorre de forma isolada, mas antes é necessário um meio associado para que possamos acessar o sentido do signo em uso, assim, a significação depende de uma disparidade mínima.

O significado é uma individuação que se dá por experimentações, não podendo aplicar o mesmo significado em vários contextos, realidades diferentes, pois ele pode assumir novos significados. Com isso,

A individuação se dá a partir de uma experimentação que é regulada de acordo com a relação de repouso e movimento de velocidade e lentidão entre as partículas do corpo e devido a potência de cada singularidade que compõe um encontro, isto é, pela capacidade que cada corpo tem de afetar e ser afetado. (BARROS, 2015, p. 70)

Desse modo, o significado só ocorre a partir das relações, é resultado das experimentações do signo, o signo que é a causa, o que origina, são os corpos relacionais que vem antes do significado.

O sentido não nos remete a essência, é antes produzido, sendo assim, ele está na superfície, pois

[...] o que pensamos e falamos sobre as coisas passa pela superfície. O estatuto da idéia é superficial. A linguagem, somente atinge a significação quando se dá na superfície. A significação somente é possível pelo sentido que a envolve. (LOPES, 2003, p. 205)

O sentido não é redutivo, é antes envolvente, incorporal, sendo o signo imanência do pensamento, imanência do latim *immanēns*, habitar/permanecer dentro, o que é imanente é inseparável fugindo do transcendente que sugere a separação, o que é externo ao mundo. Com isso,

Sob a ‘violência’ do encontro com um signo, o pensamento devém criação – pré-pessoal e pré-individual – e deixa de ser uma ação subsidiada pela consciência de um sujeito ou pela precisão de um método; ao contrário, em seu exercício superior ele é involuntário, inaudito, intrínseco a potência imanente ao real de abertura de mundos. (NASCIMENTO, 2012, p. 16-17)

De acordo com o mencionado, o signo é pré-individual, contendo nele uma energia potencial, os signos no viés deleuziano é aquilo que força a pensar e a sentir, os encontros dos signos que abrem, levam ao pensar. Diante disso, “o signo que é objeto de um encontro e é ele que exerce sobre nós a violência” (DELEUZE, 2003, p. 15). Dessa forma, o sentido é a parte mais profunda do signo, e a significação é mais superficial.

É decepcionante, por natureza, uma literatura que interpreta os signos relacionando-os com objetos designáveis (observação e descrição), que se cerca de garantias pseudo-objetivas do testemunho e da comunicação (conversa, pesquisa), que confunde o sentido com significações inteligíveis, explícitas e formuladas (grandes temas). (DELEUZE, 2003, p. 31).

Nessa vertente, o signo é encontro, e esse encontro faz com que force o pensar, tirando da zona estável, abrindo possibilidades interpretativas, decifrativas, explicativas, dentre outras. Deleuze (2003) afirma que

Erramos quando acreditamos nos fatos: só há signos. Erramos quando acreditamos na verdade: só há interpretações. O signo tem um sentido sempre equívoco, implícito e implicado. [...] tudo é implicado, complicado, tudo é signo, sentido, essência. Tudo existe nessas zonas obscuras em que penetramos como em criptas, para aí decifrar hieróglifos e linguagens secretas. O egiptólogo, em todas as coisas, é aquele que faz uma iniciação – é o aprendiz. (DELEUZE, 2003, p. 86)

O signo também suscita diferença, nos leva a diferença, não é ego é outro, leva ao outro, é devir. Logo, o sentido pressupõe uma explicação e esse movimento traz novas implicações-signo.

O signo não se mantém único, é contaminado pelos pontos de vista que o explicam e vice-versa. Cada encontro produz esse movimento de descontração-contracção de relações, atualiza uma série de relações que estavam ali presentes como virtualidade e transformam os termos do processo. (ARAUJO; PEREIRA, 2018, p. 11)

Por isso, o signo não possui um único significado, como outrora era sugestionado, onde o signo era portador de um significante e um significado, o signo traz uma heterogeneidade, uma possibilidade de sentidos, não são possibilidades infinitas ou quaisquer, mas possibilidades conforme o contexto em que se insere, a partir de encontros.

É necessário ressaltar que “o encontro não é pausa; pelo contrário, é gatilho, reorganização” (ARAUJO; PEREIRA, 2018, p. 11). Sendo assim, os encontros são meios que operam o criativo, não sendo finais, abrindo possibilidade para novos encontros, novas organizações e reorganizações. E, entendemos que o território da significação é um território temporário.

Portanto, o significado não é uno, e por não ser assim temos a distinção entre ele e o sentido, sendo esse constituído pela experimentação, pelo jogo, o brincar e testar as palavras em contextos, experimentando e experienciando seus possíveis sentidos, que não são sentidos múltiplos e infinitos, mas que podem apresentar algumas possibilidades diante de contextos.

3. Considerações

Os signos, as palavras não são compostos, estratificados, são forças de significação que entram em relação com outras forças significativas, trazendo assim, o devir mudança que só ocorre diante de forças e não de formas. Logo, os signos asseguram e são agentes de novas comunicações.

Os autores vão na contra mão da dualidade língua e fala proposta pela linguística estruturalista, assim como vão contra a dicotomia significado e significante / ou conteúdo e expressão, pois para os autores eles são inseparáveis. Sendo assim, o signo vai construir sentido, significação a partir dos encontros, não sendo o sentido, dentro de um quadro de possibilidades, atribuído ao signo de antemão. Então, entendemos que a significação se dá pelos encontros, percepções, afecções, sensações, e não como uma lacuna que já vem pré-preenchida pelas possibilidades antes determinadas.

Portanto, isso vai de encontro ao que é a nossa vida, somos compostos e atravessados por encontros de todas as formas, em todas as direções, em todos os lugares, até mesmo na solitude, encontramos e somos encontrados e a partir desses encontros tecemos novos encontros, novas relações, novos lances.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, André Corrêa da Silva de; PEREIRA, Demétrio Rocha. A comunicação enquanto semiogênese: do díspar ao signo em Simondon e Deleuze. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Joinville-SC, 2 a 8/09/2018, p. 1-15.

BARROS, Gustavo de Almeida. *Da individuação em Simondon ao inventar-se pela educação infantil*. São Carlos: UFSCAR, 2015.

CABRAL, Caio César. *A teoria da individuação de Gilbert Simondon: os modos físico e biológico de individuação*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2016. 177fls.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. de Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. *Lógica do sentido*. Trad. de Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2. ed. Trad. de Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. V. 1, Trad. de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94p. (Coleção TRANS)

_____; _____. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. V. 2, Trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS)

GOMES, Sávio de Araújo. *Individuação e metaestabilidade na obra de Gilbert Simondon: Contribuições à Psicologia*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Instituto de Psicologia, 2019. 130fls.

LOPES, Luiz Manoel. Teoria do sentido em Deleuze. *An. Filos*, n. 10. p. 203-20, São João del-Rei, jul. 2003.

NASCIMENTO, Roberto Duarte Santana. *Teoria dos signos no pensamento de Gilles Deleuze*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-SP, 2012. p. 216.

SIMONDON, Gilbert. *La individuación a la luz de las nociones de forma y de información*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.